CADERNOS Dramat

11

CINCO PEÇAS BREVES

REGINA GUIMARÃES DON JUAN EM SUA COMPANHIA

RUI GUILHERME LOPES HOMEM MAU LUÍS FONSECA

O VENTO QUE VEM CARLOS J. PESSOA A PORTAGEIRA

DA BRISA PEDRO EIRAS PASSAGEM

CAMPO DAS LETRAS

FICHA TÉCNICA

Don Juan em sua companhia Regina Guimarães
homem mau Rui Guilherme Lopes
O vento que vem Luís Fonseca
A Portageira da Brisa Carlos J. Pessoa
Passagem Pedro Eiras

APRESENTAÇÃO DE
Paulo Eduardo Carvalho

DESIGN E CAPA
António Modesto

PAGINAÇÃO
Paulo Pereira

© CAMPO DAS LETRAS – Editores, S.A., 2002
Rua D. Manuel II, 33-5.º
4050-345 Porto
Tel 226 080 870 Fax 226 080 880
e-mail: campo.letras@mail.telepac.pt
www.campo-letras.pt

IMPRESSÃO
Tipografia do Carvalhido - Porto

1.ª Edição Dezembro de 2002
Depósito legal 188864/02
ISBN 972-610-606-0
Código de Barras 9789726106067

COLECÇÃO
Cadernos DRAMAT 11

CINCO PEÇAS BREVES

DON JUAN EM SUA COMPANHIA

Regina Guimarães

HOMEM MAU

Rui Guilherme Lopes

O VENTO QUE VEM

Luís Fonseca

A PORTAGEIRA DA BRISA

Carlos J. Pessoa

PASSAGEM

Pedro Eiras

Apresentação
PAULO EDUARDO CARVALHO

CAMPO DAS LETRAS

O vento que vem

LUÍS FONSECA

A estreia de *O vento que vem* teve lugar a 12 de Dezembro de 2000, na Comuna-Teatro de Pesquisa, Lisboa, com a seguinte equipa artística:

Encenação e versão cénica Álvaro Correia
Figurinos Carlos Paulo
Desenho de luz Paulo Graça

Interpretação

Isabel Abreu	(Rapariga)
João Mota	(Homem 1)
Hugo Sequeira	(Homem 3)
Álvaro Correia	(Homem 2)
Manuela Couto	(Mulher)

PERSONAGENS

RAPARIGA
HOMEM 1
HOMEM 3
HOMEM 2
MULHER

RAPARIGA

Não sei por onde começar. A verdade é que eu não sei realmente o que é que me perturba. Não sei dizer por onde é que começa. Não sei dizer-te. Mas normalmente quando saio de casa e olho para as pessoas com quem me cruzo começo a sentir um incómodo esquisito e depois... Sinto que é muito difícil falar com o meu pai. Ele tem uma maneira tortuosa de me mostrar que gosta de mim eu acho eu sei que ele gosta de mim, mas tem uma maneira tão complicada de tentar chegar até mim. E eu até fico contente de ele vir assim secretamente dar-me presentes e de perguntar sobre mim ao meu irmão e de se preocupar comigo. Mas eu não suporto quando ele tenta dizer-me se eu agi bem nisto ou naquilo ou o que é que eu devo ou não devo fazer. Eu sei que ele quer que eu seja feliz mas ele não estava por perto quando eu podia ter sido feliz e agora eu não sei se ainda existe essa coisa de ser feliz sim, eu sei que é uma conversa piegas mas eu não sei na realidade se afinal podemos fazer alguma coisas com as nossas vidas e se somos capazes de assumir sozinhos responsabilidade pelos nossos actos. Porque os nossos actos não nos implicam só a nós. E eu neste momento estou sozinha, mas não deixo de fazer coisas que implicam os outros mesmo que aparentemente nada tenham a ver comigo.

A minha mãe nunca compreendeu, eu acho, que o que nós fazemos até pode estar correcto, mas se o fazemos com uma intenção que está escondida, que pode estar escondida até para nós, essa acção vai provocar acções erradas. É como os pais que acham que dar presentes aos filhos é uma maneira de fazer parte da vida deles. As nossas acções têm de estar certas interiormente, a nossa responsabilidade é primeiro com nós próprios. E depois, eu não sei se é possível fazer seja o que for sem cometer grandes erros.

Pausa.

Tantos momentos sinto, em tantos momentos sinto que não gosto de mim. E porque é que isso me acontece quando até parece que tenho razões, quando até tenho todas as razões para me sentir bem. Às vezes até tudo me parece correr bem, posso estar bem com os amigos, e até nos amores [*sorri*], e até no trabalho e de repente vou pela rua e tenho uma vontade enorme de chorar e dou por mim com as lágrimas a correr pela cara abaixo e as pessoas olham para mim e eu não sei porque é que me sinto assim só sei que tenho uma vontade enorme de chorar e no entanto tudo parece correr bem.

Pausa.

Não sei se é possível fazer seja o que for sem cometer grandes erros. E então vou por ali, ou por ali... e isso é uma evidência. Vou sempre por um lado qualquer. E depois, terei remorsos?

Pausa.

Ao mesmo tempo sei que existe em mim uma força qualquer que me diz que todas estas feridas a que estamos sujeitos servem para alguma coisa.

Cena 1

HOMEM 1

Não sei. Foi num instante, um instante em que tudo aconteceu, e depois não sei o que sobrou. Olhar para a frente olhar para trás a vida que fica a vida que sobra e depois... tento pensar que ainda tenho muito para dar e olho para a sombra das flores na secretária e a marca dos meus dedos no pó em cima do tampo da secretária e a fotografia dos filhos e da mulher e o escritório a que não voltarei e a viagem que não farei. Que vou eu fazer todos os dias? E o trabalho que detestei e que odiei e que me fez ser o que sou e o que sou quem é? O tempo que passou a quantidade dos instantes que passaram e dos futuros que não chegam e a eternidade de todos os instantes que me restam, que vou eu fazer amanhã depois de amanhã e depois e depois e depois e depois... Silenciosamente espero por uma qualquer revelação uma inspiração que me faça mexer os pés me faça mexer as pálpebras me faça mexer e olhar em volta e ver as cores e ver para onde vou, para onde vou não sei. Vejo o sol que corre pelo céu e a sombra que faz pelo chão e o movimento das sombras das árvores e das pessoas que olham para cima à procura de olhos que devolvam o olhar que lançamos e fico a pensar que o tempo passou e não veio ninguém que nos dissesse o que precisávamos de ouvir, o que é que precisávamos de ouvir?

Pausa.

Estou velho e gostava de ter a lembrança de uma felicidade passada para me poder entristecer suavemente, para me entristecer suavemente ao som de uma música melancólica. Mas não consigo lembrar-me de nenhuma felicidade passada que eu possa chorar agora. À pergunta foste feliz, não saberia responder sequer. E a tal música melancólica toca sem se deter nestas considerações simplistas e eu não me emociono sequer com ela, ou com nada e nada me detém, nada me detém o olhar e que é que eu te posso dizer mais?